

PELOS CAMINHOS DE GENTE, BICHOS E COISAS: ETNOGRAFIA DO MODO DE VIDA CAMPONÊS NA PAMPA BRASILEIRA

DANIEL VAZ LIMA¹; LOUISE PRADO ALFONSO²; FLÁVIA RIETH³

¹Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFPEL – dvlima.vaz@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – louiseturismo@yahoo.com.br

³Universidade Federal de Pelotas – riethuf@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe a elaboração de uma etnografia acerca dos modos de viver de camponeses e camponesas em três situações da pampa brasileira: no Passo dos Negros/Pelotas, no distrito de Palmas/Bagé e na colônia Santo Amor/Morro Redondo. Tais discussões são resultados parciais para a tese de doutoramento do autor no Programa de Pós-Graduação em Antropologia na Universidade Federal de Pelotas. Ao longo da execução do projeto, iniciado em 2016, desvendaram-se questões que se referem a compreensão e preocupação com os destinos de grupos sociais camponeses na pampa brasileira cujas maneiras de viver e habitar estão em diálogo com os saberes e modos de fazer tradicionais, com a preservação da biodiversidade e com a valorização das referências culturais locais na construção da nação.

Esta pesquisa propõe um diálogo com duas narrativas referentes a pampa. A narrativa de um todo homogêneo de planícies infinitas e cobertas de campo. A descrever os diferentes lugares está se atentando para a existência de uma diversidade de paisagens que consistem nos “campos lisos”, “campos de pedra” e nos “campos banhados” (RIETH et al, 2019). Por conseguinte, tem-se a narrativa da ocupação histórica da pampa representada como um vazio demográfico tendo de um lado a imagem de homens errantes, sem vínculos familiares e sem terras, vagando pelo território e, de outro, os estancieiros, proprietários de vastas extensões de terra. A historiografia e a etnografia, a partir de novos enfoques, vem lançando outras problemáticas, apontando, em um processo histórico e cultural, a existência de grupos camponeses, simultaneamente, pastores e lavradores. A produção agrícola de cultivos como o milho, feijão, a carne e o leite do pequeno rebanho, alimenta esse grupo familiar, eventualmente, com a comercialização da produção, como forma de renda e como troca por bens não obtidos na propriedade.

A existência de um campesinato na pampa está vinculada a definição de GODOI; MENEZES e MARIN (2009) que indicam de que o mesmo “incorpora múltiplas dimensões das práticas dos agentes gerando uma infinidade de possibilidades”. As autoras consideram que a heterogeneidade do campesinato está associada a algumas de suas características, a saber: presença em diferentes contextos; produção para o mercado; baseada na mão de obra familiar; capacidade de organização em diferentes formas; mobilização política em luta da condição de vida; obrigados a se reconstituir em áreas periféricas.

O trabalho de campo se deu a partir desses três contextos de pesquisa os quais, não desconsiderando suas especificidades, trazem elementos interessantes para serem apresentados em suas multisituações (MARCUS, 2001). A proposta, assim, consiste em articular saberes tradicionais, valorização da biodiversidade e populações camponesas enquanto referências culturais na construção da nação.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa considera a legitimidade da etnografia como o meio para a teoria antropológica se desenvolver. É por meio da etnografia que se constituem os conceitos, ou seja, na tensão entre a teoria acadêmica e a pesquisa de campo – teorias das pessoas – que está o potencial da antropologia enquanto forma de conhecimento. Todo/a antropólogo/a está constantemente repensando e reinventando a antropologia ao passo que a etnografia, mais do que um método, é uma “formulação teórico-etnográfica” (PEIRANO, 2014). O/a etnógrafo/a está constantemente disposto a deixar-se ensinar pelas pessoas com quem vivencia aprendendo as possibilidades dos modos de viver sendo nesse movimento que se constitui saber e modo de fazer antropológico.

Mas a etnografia é também, por sua vez, um método e, trazendo a discussão de MAGNANI (2009), não se pode separar a etnografia nem das escolhas teóricas e conceituais da antropologia, nem da particularidade das pessoas que impõem a necessidade de diferentes estratégias de relações e reflexões. São as situações vividas que definem questões sobre distanciamento e posicionamento, engajamento e intervenção, dilemas éticos e morais. Diante disso, para além da etnografia, as escolhas técnicas adotadas para colocar em prática este projeto são: as entrevistas/conversas gravadas cujo material é transcrito e anexado ao caderno de campo sendo um espaço de inscrição das experiências e do contexto; e o levantamento historiográfico que, no objetivo de colocar os/as interlocutores/as na condição de sujeitos históricos e sujeitos da história, levou a leituras da história “oficial” e dos relatos de viajantes.

Por conseguinte, no percurso do trabalho de campo, o ato de caminhar e seguir caminhos foi se desvendando como um ato de conhecer e de se engajar. Conforme INGOLD (2005) os lugares contêm histórias de movimentos e peregrinações entre si e com os outros lugares. “Mapear” é, nesse sentido, contar histórias de vidas e lidas e de jornadas por meio dos passos de caminhantes do passado e do presente, afinando os movimentos do/a antropólogo/a viajante em resposta aos movimentos, de outras pessoas, outros animais e coisas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme foi-se seguindo as indicações dos/as interlocutores/as e seguindo as relações entre estes lugares, foi-se delineando que esta trajetória percorria os antigos caminhos das tropas e carretas sendo caminhos em que eram tocadas as tropas de gado bovino para os frigoríficos localizados nas áreas urbanas, caminhos das carroças que levavam alimentos e outros bens produzidos por famílias agricultoras. Circular por tais caminhos consistiu em desvendar os movimentos de gerações passadas dos interlocutores. Seu Pedro mora no antigo corredor das tropas, que cruza a “vilinha” Passo dos Negros localizada as margens do canal São Gonçalo na cidade de Pelotas. Ocupa o lugar há 40 anos, quando se deslocou com a família de uma região rural do município de Canguçu, próximo ao município de Morro Redondo, para vender a força de trabalho nos frigoríficos, engenhos e granjas de plantação de arroz. Embora a atividade operária, sempre manteve o vínculo com o modo de vida rural. *“Antigamente, eu tinha uma leitaria [...]. Ali eu tinha três vacas, mais os terneiros e os cavalos. Eram animais que consegui por meio de negócios.”* Atualmente, possui cavalos para realização de fretes em carroças bem como a coleta de resíduos sólidos. Sua trajetória de ocupar e resistir está entrelaçada a uma

vivência nas margens da cidade. *“Não é de hoje que querem me tirar daqui”*. Com essa frase o morador narra uma história de quem resiste ao descaso do poder público e, atualmente, ao avanço dos empreendimentos imobiliários que solicitam retirada de sua família e de seus animais.

Já a pecuarista familiar Vera Colares, mora Corredor da Lechiguana, localizado no distrito de Palmas, próximo a BR 153, antigo caminho de tropas e carroças que cruzavam em direção a tablada e outros centros na cidade de Bagé. Como parte do território do Alto Camaquã a região é considerada a mais preservada do bioma pampa com uma diversidade de fauna e flora bem como considerada a mais pobre. BORBA (2016, p. 187), entende pelo fato de que esta região não teve “êxito na implementação dos modelos de desenvolvimento propostos”. Na região do Alto Camaquã, cerca de 80% das unidades de produção são de pecuária familiar. Funcionária pública aposentada, Vera morou nas cidades de Pelotas, Porto Alegre, Bagé, porém manteve, ao longo dessa trajetória, o vínculo com a lida na propriedade nos momentos de folga do trabalho. Ao se aposentar, retornou para o imóvel rural de sua família sendo a responsável pela organização das atividades, acompanhada por um peão assalariado. *“A nossa lida é em campo nativo, a criação é extensiva. Os animais ficam soltos e eles vivem bem, em contato com a natureza.”* Vera participa da lida no campo. *“A gente vai para o campo com os cavalos e com os cães. Juntamos o gado em determinado lugar, que chamamos de rodeio. E, ali no rodeio, a gente faz a verificação dos animais, para ver se está tudo bem, se não têm animais doentes, etc.”* A família também produz doces de frutas e leite, cultiva milho, feijão e hortaliças. Porém, junto a população da região a moradora movimenta a resistência ao avanço dos megaprojetos de mineração de metais pesados que ameaçam seus modos de vida. *“Se esses projetos aprovarem, será nossa morte cultural”* já que a poluição das águas, do ar e do solo com metais pesados afeta toda a cadeia alimentar.

Seu Jordão, mora na estrada do Santo Amor nos limites municipais de Pelotas e Morro Redondo. Estrada que, outrora, cruzavam as tropas de gado, as carretas e carroças que, vindos de diferentes lugares da pampa, iam em direção a cidade de Pelotas levando pessoas, bichos e coisas. Seu Jordão produz doces desde os 18 anos onde aprendeu acompanhando a família. Os tachos são centenários, herança da família de açorianos que se mudou para a região. Uma pá feita em madeira, tem 45 anos e *“já faz parte da família”*. O cabo é de *cedro*, uma madeira de lei que dura muitos anos. As frutas, em sua maioria, são cultivadas na propriedade, exceto o marmelo que compra em Canguçu e Piratini. Os pêssegos são colhidos na propriedade ou comprados de moradores locais. Seu Jordão vende parte da colheita para as indústrias de conservas. As frutas que não estão no tamanho padrão exigido, serão matéria prima para a produção das passas e geleias. O doceiro é reconhecido pelos doces que faz, considerados “tradicionais”. Porém, tal reconhecimento, não é o mesmo dado pela fiscalização sanitária que proíbe o uso do tacho de cobre e utensílios de madeira na produção de doces. Outra proibição é a secagem das passas que são bolinhos de pêssego cozidos em caldas de açúcar, que são feitos em tabuleiros de madeira, ficando exposto ao sol por alguns dias. Dessa maneira a passa ficará com uma pequena camada (casca) seca por fora e “úmido” por dentro algo que é apreciado pelos/as consumidores/as. Ao longo de sua trajetória são incontáveis as multas, a proibição de produzir doces por não estar de acordo como os parâmetros da legislação sanitária e ambiental. É uma história de micro-resistência aos padrões legais do Estado incapaz de dar conta da diversidade dos modos de fazer. *“Eu posso mudar toda a fábrica, colocar piso, azulejos,*

banheiros, mas não abro mão de produzir doces no tacho de cobre de secar as passas ao sol em tabuleiros de madeira. Só isso que eu quero!”

4. CONCLUSÕES

Um/a camponês/a está constantemente reafirmando a legitimidade de sua existência bem como do acesso à terra, a floresta e as águas, ou seja, constantemente reafirmando o valor de seu modo de vida. Por isso, consideramos que, pessoas como seu Pedro, morador no Passo dos Negros, que tem uma trajetória marcada de ocupações e despejos dentro das margens da cidade, os/as pecuaristas familiares, como Vera Colares, organizados em resistência aos megaprojetos de mineração e os/as doceiros/as, que passam seus dias negociando com agentes da vigilância sanitária para não transformar os modos de produzir que aprenderam em suas gerações familiares, são referências de situações cotidianas que convidam a uma reflexão sobre esses modos de vida. Tais trajetórias, traduzem uma característica do campesinato de constantemente buscar reafirmar a legitimidade do acesso aos recursos a terra e de manter um modo de vida próximo aos outros animais e plantas. Uma constante resistência em busca de luta pela terra e, mesmo que em condições adversas, assegurar a reprodução da família e de um projeto de vida. (GODOI; MENESES; MARIN, 2009).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORBA, Marcos Flávio. Desenvolvimento territorial endógeno: o caso do Alto Camaquã. In: WAQUILL, Paulo; MATTE, Alessandra; NESKE, Márcio; BORBA, Marcos Flávio. **Pecuária familiar no Rio Grande do Sul: história, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 187-214, 2016.

GODOI, Emilia; MENESES, Marilda; MARIN, Rosa Acevedo. Introdução. In: ____ (orgs). **Diversidade do campesinato: expressões e categorias: construções identitárias e sociabilidades**. São Paulo: editora Unespe; Brasília – DF: Núcleo de estudos agrários e desenvolvimento rural, 2009.

INGOLD, Tim. Jornada ao longo de um caminho de vida – mapas, descoberta-decaminho e navegação. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 25 (1): 72-75, 2005.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 129-156, 2009.

MARCUS, George E. Etnografía en/del sistema mundo. El surgimiento de la etnografía multilocal. **ALTERIDADES**, 2001, 11 (22): Págs. 111-127.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 377-391, 2014.

RIETH, Flávia; LIMA, Daniel Vaz; RODRIGUES, Vagner BARRETO; HERRMANN, Miriel Bilhalva. “Aqui na lida é eu, a esposa e os cachorros”: trabalho familiar e saberes pecuários nos campos dobrados do Alto Camaquã. **TESSITURAS - Revista de Antropologia e Arqueologia**, v.7, n.1, p. 48-68, 2019.